

Desafios enfrentados para o atendimento de pacientes surdos: um estudo com docentes de Medicina

Challenges faced in caring for deaf patients: a study with medical professors

Daniel Lucas de Oliveira Santos¹  daaniel.lucasx@gmail.com
Kristen Tolomelli Costa¹  kristentolomelli@gmail.com
Pauliane Romano Cirilo¹  paulianeromano@gmail.com
Ana Maria de Jesus Cardoso¹  anamjc2001@gmail.com

RESUMO

Introdução: A surdez é caracterizada pela diminuição da capacidade de percepção de sons, e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida legalmente como forma de comunicação para indivíduos surdos. Além disso, estabelece-se que a assistência à saúde das pessoas surdas deve ser conduzida ou mediada por profissionais treinados no uso da Libras. Contudo, o despreparo dos profissionais de saúde para se comunicar de formas que extrapolam a oralidade é uma realidade profusa no sistema de saúde brasileiro.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo identificar os desafios enfrentados por docentes de um curso de Medicina para o atendimento de pessoas surdas.

Método: Trata-se de uma pesquisa observacional, transversal, realizada por meio de um questionário on-line, cujo público-alvo foi composto por profissionais da saúde que lecionam no curso de Medicina de uma instituição particular de Belo Horizonte, em Minas Gerais. O instrumento utilizado foi elaborado pelos pesquisadores com base na Attitudes to Deafness Scale. Realizou-se um pré-teste no qual a consistência interna, avaliada pelo coeficiente alfa de Cronbach, foi classificada como aceitável (0,76). Após a coleta, os dados foram tabulados no Microsoft Excel e analisados no software R.

Resultado: O estudo contou com 89 participantes, dos quais 78% declararam não possuir nenhum conhecimento sobre Libras, 88% afirmaram que não se sentem preparados para atender pessoas surdas e 91% nunca realizaram alguma capacitação para conduzir esses atendimentos. Os principais desafios identificados foram o desconhecimento dos recursos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde para os pacientes surdos e a incapacidade de fornecer orientações adequadas. Os resultados também sugerem que os participantes com capacitação para atender pessoas surdas percebem como menores os desafios para os atendimentos. Ademais, participantes sem experiência prévia com pacientes surdos relataram maior dificuldade em guiar os alunos para o atendimento dessa população.

Conclusão: Os resultados evidenciam numerosos desafios enfrentados pelos participantes para o atendimento de pessoas surdas. A análise dos achados reforça a falha estrutural na inclusão efetiva das pessoas com deficiência durante a formação profissional e nos serviços de saúde em geral.

Palavras-chave: Atenção à Saúde; Surdez; Docentes de Medicina.

ABSTRACT

Introduction: Deafness is characterized by a decreased ability to perceive sounds and the Brazilian Sign Language (Libras, Língua Brasileira de Sinais) is legally recognized as a form of communication for deaf individuals. Furthermore, it is established that health care for deaf people must be conducted or mediated by professionals trained in the use of Libras. However, the lack of preparation of health professionals to communicate in ways that go beyond orality is a widespread reality in the Brazilian health system.

Objective: To identify the challenges faced by teachers of a medical course when caring for deaf people.

Method: This is an observational, cross-sectional research, carried out using an online questionnaire, whose target audience comprised health professionals who teach in the medical course at a private institution in Belo Horizonte-MG. The instrument used was developed by the researchers, based on the "Attitudes to Deafness Scale". A pre-test was carried out, where the internal consistency, evaluated by Cronbach's Alpha coefficient, was defined as acceptable (0.76). After collection, data was tabulated in Microsoft Excel and analyzed using the R software.

Result: The study included 89 participants, of which 78% declared that they did not have any knowledge of Libras, 88% stated that they did not feel prepared to assist deaf people and 91% never completed any training to provide these services. The main challenges identified were the lack of knowledge about the resources offered by the Brazilian Public Health System for deaf patients and the inability to provide adequate assistance. The results also suggest that participants with training to assist deaf people perceive the challenges as smaller. Furthermore, participants with no prior experience with deaf patients reported greater difficulty in guiding students to care for this population.

Conclusion: The results highlight numerous challenges faced by participants when caring for deaf people. The analysis of the results reinforce the structural flaws in the inclusion of people with disabilities during professional education and in health services in general.

Keywords: Deafness. Delivery of Health Care. Faculty, Medical.

¹ Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Editora-chefe: Rosiane Viana Zuza Diniz.

Editor associado: Kristopherson Lustosa Augusto.

Recebido em 25/06/24; Aceito em 21/11/24.

Avaliado pelo processo de double blind review.

INTRODUÇÃO

A surdez é caracterizada pela diminuição, seja ela maior ou menor, da capacidade de perceber os sons. Existem diversos tipos de surdez, que são classificados de acordo com os diferentes graus de perda auditiva¹. Segundo a Organização Mundial da Saúde², existem, atualmente, cerca de 1,5 bilhão de pessoas com algum tipo de deficiência auditiva no mundo. No Brasil, dados do Instituto Locomotiva³ apontam aproximadamente 10,7 milhões de indivíduos com algum grau de surdez. Entretanto, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística evidencia que a maior parte da população surda brasileira não sabe usar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois apenas 35,8% das pessoas com surdez profunda conseguem utilizá-la⁴.

Ainda assim, a comunidade surda tem a língua de sinais (LS) como um dos principais meios de comunicação. Trata-se de uma língua na modalidade espaço-visual que, embora esteja presente em todos os continentes, possui estrutura gramatical específica para cada região em que é utilizada⁵. No Brasil, a Libras é reconhecida legalmente como forma de comunicação e de expressão de indivíduos surdos desde 2002, por meio da Lei Federal nº 10.436/2002⁶. No campo da saúde, o Decreto nº 5.626, de 22 de novembro de 2005, estabelece que os atendimentos públicos à saúde de pessoas surdas devem ocorrer por profissionais capacitados para uso da Libras ou devem ser mediados por um especialista que realize tradução e interpretação⁷.

O acolhimento com o uso da Libras é considerado o mais adequado e humano para atender a comunidade surda, mesmo para os membros dessa comunidade que se relacionem de forma menos determinante com a LS. Isso ocorre porque a possibilidade de comunicação em Libras é visualizada como um sinal de que o local oferece inclusão e acessibilidade⁸. Porém, o despreparo e o desconforto por parte dos profissionais da saúde para que possam se comunicar de formas que extrapolam a oralidade representam uma realidade profusamente difundida no sistema de saúde brasileiro⁹.

Para compensar a lacuna comunicativa entre profissionais e pacientes surdos, são empregadas formas alternativas de comunicação, como mímicas, gestos, escrita e leitura orofacial¹⁰. No entanto, tais tentativas não substituem a Libras, visto que as mímicas, os gestos e a leitura orofacial podem ser altamente subjetivos. Além disso, a escrita frequentemente não é dominada pela pessoa surda congênita, já que português não é a língua na qual ela foi alfabetizada. Convém ressaltar ainda que a presença do intérprete pode reduzir a autonomia e a privacidade dos pacientes¹⁰.

Diante desse contexto, o atendimento integral à saúde da população surda é amplamente dificultado, seja pela imprecisão na troca de informações ou pelo enfraquecimento

do vínculo entre profissional e paciente. Como consequência, a coleta de dados da anamnese, a formação da hipótese diagnóstica e a orientação para a conduta terapêutica são prejudicadas¹¹. Ademais, o indivíduo surdo pode se sentir incompreendido, negligenciado, privado de informações ou ignorado em favor do acompanhante, o que provoca o afastamento dessa população das redes de cuidado¹¹.

A realidade experienciada pela população surda evidencia o cuidado insatisfatório e o despreparo dos profissionais da saúde, além da falha sistemática na inclusão de cuidados destinados às pessoas com deficiência (PCD) durante a formação desses profissionais¹². Dessa forma, é importante detalhar as lacunas que permeiam o contexto de exclusão assistencial do paciente surdo, o que abrange entender como a educação médica e a capacitação dos indivíduos atuantes influenciam na concretização de um serviço de saúde genuinamente equitativo.

Nesse sentido, o objetivo do estudo consiste em identificar os desafios enfrentados por docentes de um curso de Medicina para o atendimento de pessoas surdas. Buscou-se realizar um diagnóstico no que concerne aos desafios enfrentados, às estratégias utilizadas e desenvolvidas nos atendimentos e às capacitações realizadas para tais atendimentos.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa observacional com recorte transversal, submetida ao Comitê de Ética da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais e aprovada sob o CAAE nº 69875023.1.0000.5134. O trabalho foi realizado por meio da aplicação de um questionário on-line, cujo público-alvo do estudo foi composto por profissionais da saúde que lecionam no curso de Medicina de uma instituição particular de Belo Horizonte, em Minas Gerais. A escolha dessa população considerou a importância dos educadores na formação de futuros profissionais da saúde. A amostra do questionário foi não probabilística, por conveniência, composta por 89 participantes.

A literatura científica apresenta uma escassez de instrumentos voltados para a avaliação dos desafios enfrentados por profissionais da saúde para o atendimento de pessoas surdas. Hoje não há uma medida desenvolvida especificamente para essa finalidade, mesmo em língua inglesa. A maioria das ferramentas disponíveis se baseia apenas na mensuração do nível de conhecimento sobre a surdez ou sobre a LS.

Nesse sentido, o instrumento utilizado no estudo foi elaborado pelos próprios pesquisadores, baseado em uma escala já validada e que se aproxima dos objetivos desta pesquisa, denominada Attitudes to Deafness Scale¹³. Esse instrumento de base, desenvolvido por Cooper et al.¹³, consiste

em 22 itens em escala Likert que medem atitudes em relação às pessoas surdas, destinado a ser utilizado em qualquer grupo profissional que tenha contato com indivíduos surdos. Contudo, ainda foi observada a necessidade de adaptar essa ferramenta a fim de explorar questões que atravessam de forma específica os profissionais da saúde no contexto brasileiro.

Para o presente estudo, foram construídas 13 afirmativas baseadas em possíveis obstáculos para o atendimento de pacientes surdos, as quais abordaram os seguintes aspectos: disponibilidade de tempo para o aprendizado da Libras e para imersão na cultura surda, tempo investido no atendimento, paciência, segurança, domínio da Libras, diálogo com pacientes não usuários da Libras, interferências da comunicação no atendimento, presença do intérprete de LS durante o atendimento, humanização, acolhimento e conhecimento de direitos em saúde de pessoas surdas.

O instrumento foi confeccionado a partir da busca na literatura científica acerca do tema, seguida de discussões com profissionais da saúde e com professoras de língua portuguesa e de Libras docentes da instituição pesquisada. Esse questionário também passou por um pré-teste, no qual a consistência interna, avaliada a partir do alfa de Cronbach, foi classificada como aceitável (0,76). Além disso, também se realizou a caracterização dos participantes, mediante perguntas referentes a dados demográficos e ocupacionais. Após a coleta, os dados foram tabulados no programa Microsoft Excel e, posteriormente, passaram por uma análise descritiva no software R.

RESULTADOS

O estudo contou com 89 participantes, com predomínio de pessoas do sexo feminino (69%) e de docentes do Departamento de Clínica Médica (33%). A maioria dos indivíduos possuía formação em Medicina (81%) e já havia atendido algum paciente surdo (78%). Quando questionados acerca do domínio da Libras, 78% dos participantes declararam não possuir nenhum conhecimento. Além disso, 88% dos profissionais afirmaram que não se sentem preparados para atender pessoas surdas e 91% dos indivíduos nunca realizaram alguma capacitação para conduzir esses atendimentos. A Tabela 1 apresenta a caracterização completa da amostra.

O instrumento utilizado para quantificar os obstáculos enfrentados pelos profissionais da saúde durante o atendimento de pessoas surdas evidencia os desafios conforme a concordância com as afirmativas do questionário. As respostas dos participantes estão contidas na Tabela 2.

Os principais desafios identificados para o atendimento de pessoas surdas foram, respectivamente,

o desconhecimento dos recursos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para esses pacientes e a incapacidade dos profissionais de saúde em fornecer orientações adequadas: 86% dos professores concordam que possuem limitado conhecimento sobre os recursos disponíveis e 84% concordam que apresentam dificuldades para orientar os pacientes surdos. Além disso, foi observado que a maioria dos profissionais utiliza meios alternativos à Libras para se comunicar, com 81% de concordância nessa questão. No entanto, 61% dos respondentes não consideram que a presença de intérpretes causa constrangimentos aos pacientes e 54% discordam de que a mediação do intérprete possa comprometer a compreensão de sintomas.

Tabela 1. Caracterização da amostra da pesquisa.

| Características | N = 89 |
|--|----------|
| <i>Gênero</i> | |
| Feminino | 61 (69%) |
| Masculino | 28 (31%) |
| <i>Departamento no qual leciona</i> | |
| Cirurgia geral | 9 (10%) |
| Clínica médica | 29 (33%) |
| Saúde coletiva | 21 (24%) |
| Saúde da criança e do adolescente | 16 (18%) |
| Saúde da mulher | 11 (12%) |
| Saúde mental | 3 (3,4%) |
| <i>Área de formação</i> | |
| Biomedicina | 1 (1,1%) |
| Enfermagem | 13 (15%) |
| Medicina | 72 (81%) |
| Odontologia | 2 (2,2%) |
| Psicologia | 1 (1,1%) |
| <i>Você já atendeu alguma pessoa surda?</i> | |
| Não | 11 (12%) |
| Sim | 78 (88%) |
| <i>Qual o seu nível de conhecimento/domínio sobre a Libras?</i> | |
| Básico | 19 (21%) |
| Intermediário | 1 (1,1%) |
| Não possuo conhecimento | 69 (78%) |
| <i>Você se sente preparado para atender pessoas surdas?</i> | |
| Não | 78 (88%) |
| Sim | 11 (12%) |
| <i>Você já realizou alguma capacitação para atendimento de pessoas surdas?</i> | |
| Não | 81 (91%) |
| Sim | 8 (9,0%) |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 2. Respostas dos participantes ao questionário confeccionado e validado pelos autores.

| | Discordo totalmente | Discordo | Não concordo, nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |
|---|---------------------|-------------|----------------------------|-------------|---------------------|
| Tenho limitado conhecimento sobre os recursos disponíveis no SUS para pacientes surdos. | 3 (3,4%) | 6 (6,7%) | 3 (3,4%) | 51 (57%) | 26 (29%) |
| Encontro desafios para fornecer orientações a um paciente surdo. | 3 (3,4%) | 5 (5,6%) | 6 (6,7%) | 57 (64%) | 18 (20%) |
| Para conduzir o atendimento de um paciente surdo, eu preciso utilizar outros recursos de comunicação além da Libras. | 1 (1,1%) | 3 (3,4%) | 13 (15%) | 38 (43%) | 34 (38%) |
| Em geral, o atendimento de um paciente surdo demanda mais tempo do que o de um paciente ouvinte. | 0 (0%) | 7 (7,9%) | 15 (17%) | 45 (51%) | 22 (25%) |
| Promover um atendimento humanizado e acolhedor aos pacientes surdos é mais desafiador do que para os pacientes ouvintes. | 6 (6,7%) | 8 (9,0%) | 10 (11%) | 37 (42%) | 28 (31%) |
| Durante as atividades práticas com alunos, eu sinto dificuldade para guiá-los e orientá-los para o atendimento de pessoas surdas. | 2 (2,2%) | 11 (12%) | 14 (16%) | 43 (48%) | 19 (21%) |
| Tenho dificuldade para compreender a queixa de um paciente surdo. | 4 (4,5%) | 15 (17%) | 14 (16%) | 44 (49%) | 12 (13%) |
| Eu sinto dificuldade ao indicar aos pacientes surdos os seus direitos em saúde. | 5 (5,6%) | 19 (21%) | 16 (18%) | 34 (38%) | 15 (17%) |
| Para atender adequadamente um paciente surdo, necessito da presença de um intérprete de Libras. | 7 (7,9%) | 13 (15%) | 21 (24%) | 29 (33%) | 19 (21%) |
| Eu possuo pouco tempo disponível para aprender acerca da cultura surda. | 6 (6,7%) | 21 (24%) | 23 (26%) | 32 (36%) | 7 (7,9%) |
| Minha disponibilidade de tempo dificulta a dedicação ao aprendizado da Libras. | 6 (6,7%) | 23 (26%) | 24 (27%) | 23 (26%) | 13 (15%) |
| Na minha área de atuação profissional, um atendimento mediado por um intérprete de Libras pode comprometer a identificação de sintomas importantes. | 17 (19%) | 31 (35%) | 16 (18%) | 21 (24%) | 4 (4,5%) |
| Na minha área de atuação, a presença de um intérprete de Libras durante o atendimento pode causar constrangimentos. | 27 (30%) | 28 (31%) | 11 (12%) | 13 (15%) | 10 (11%) |

^a Itens apresentados em ordem decrescente de concordância pelos participantes.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A Tabela 3 foi construída a partir das respostas dos indivíduos que nunca atenderam uma pessoa surda. Assim como a amostra geral, a maioria dos respondentes (91%) concorda que tem limitado conhecimento sobre os recursos disponíveis no SUS para esses pacientes. Nesse grupo de respostas, entretanto, a dificuldade de guiar e orientar os alunos para o atendimento de pessoas surdas foi percebida como maior em relação à amostra total, sendo a segunda afirmativa com maior índice de concordância. Já as afirmações relacionadas ao constrangimento que a presença de um intérprete de Libras pode causar, bem como a possibilidade de a mediação do intérprete comprometer a identificação da sintomatologia do paciente, mantiveram os maiores níveis de discordância.

Na Tabela 4, foram isoladas as respostas daqueles que já receberam alguma capacitação para realizar atendimentos a indivíduos surdos. Nesse grupo, as discordâncias das afirmativas foram significativamente maiores em relação à amostra total, o que sugere que essa população percebe

como menores os desafios para o atendimento de pessoas surdas. Um dos maiores desafios assinalados foi promover um atendimento acolhedor e humanizado aos pacientes surdos. Além disso, 76% das respostas concordaram que, para conduzir o atendimento de uma pessoa surda, é preciso utilizar recursos de comunicação alternativos à Libras, sem haver nenhuma discordância dessa afirmativa.

Em contrapartida, a disponibilidade de tempo para aprender Libras, as dificuldades para compreender a queixa de um paciente surdo e os possíveis constrangimentos causados pela presença de um intérprete não foram considerados desafios pela maior parte dos docentes que já receberam algum tipo de capacitação para conduzir o atendimento da população surda. Sobre seu papel como professores, apenas 38% desses indivíduos concordaram que sentem dificuldades para guiar e orientar os alunos diante do atendimento de pessoas surdas, um número expressivamente menor do que os 69% de concordância na amostra global.

Tabela 3. Respostas apenas dos participantes que nunca atenderam pacientes surdos.

| | Discordo totalmente | Discordo | Não concordo, nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |
|---|---------------------|-------------|----------------------------|-------------|---------------------|
| Tenho limitado conhecimento sobre os recursos disponíveis no SUS para pacientes surdos. | 0 (0%) | 1 (9,1%) | 0 (0%) | 3 (27%) | 7 (64%) |
| Encontro desafios para fornecer orientações a um paciente surdo. | 0 (0%) | 0 (0%) | 2 (18%) | 4 (36%) | 5 (45%) |
| Em geral, o atendimento de um paciente surdo demanda mais tempo do que o de um paciente ouvinte. | 0 (0%) | 0 (0%) | 2 (18%) | 3 (27%) | 6 (55%) |
| Eu sinto dificuldade ao indicar aos pacientes surdos os seus direitos em saúde. | 0 (0%) | 0 (0%) | 2 (18%) | 5 (45%) | 4 (36%) |
| Durante as atividades práticas com alunos, eu sinto dificuldade para guiá-los e orientá-los para o atendimento de pessoas surdas. | 0 (0%) | 1 (9,1%) | 1 (9,1%) | 6 (55%) | 3 (27%) |
| Tenho dificuldade para compreender a queixa de um paciente surdo. | 0 (0%) | 1 (9,1%) | 1 (9,1%) | 7 (64%) | 2 (18%) |
| Para atender adequadamente um paciente surdo, necessito da presença de um intérprete de Libras. | 0 (0%) | 1 (9,1%) | 2 (18%) | 4 (36%) | 4 (36%) |
| Eu possuo pouco tempo disponível para aprender acerca da cultura surda. | 0 (0%) | 1 (9,1%) | 3 (27%) | 6 (55%) | 1 (9,1%) |
| Minha disponibilidade de tempo dificulta a dedicação ao aprendizado da Libras. | 0 (0%) | 1 (9,1%) | 3 (27%) | 6 (55%) | 1 (9,1%) |
| Promover um atendimento humanizado e acolhedor aos pacientes surdos é mais desafiador do que para os pacientes ouvintes. | 0 (0%) | 3 (27%) | 2 (18%) | 1 (9,1%) | 5 (45%) |
| Para conduzir o atendimento de um paciente surdo, eu preciso utilizar outros recursos de comunicação além da Libras. | 1 (9,1%) | 1 (9,1%) | 4 (36%) | 4 (36%) | 1 (9,1%) |
| Na minha área de atuação, a presença de um intérprete de Libras durante o atendimento pode causar constrangimentos. | 0 (0%) | 4 (36%) | 3 (27%) | 4 (36%) | 0 (0%) |
| Na minha área de atuação profissional, um atendimento mediado por um intérprete de Libras pode comprometer a identificação de sintomas importantes. | 5 (45%) | 3 (27%) | 0 (0%) | 2 (18%) | 1 (9,1%) |

^a Itens apresentados em ordem decrescente de concordância pelos participantes.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 4. Respostas apenas dos participantes que já receberam capacitação para atender pessoas surdas.

| | Discordo totalmente | Discordo | Não concordo, nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |
|---|---------------------|------------|----------------------------|------------|---------------------|
| Para conduzir o atendimento de um paciente surdo, eu preciso utilizar outros recursos de comunicação além da Libras. | 0 (0%) | 0 (0%) | 2 (25%) | 3 (38%) | 3 (38%) |
| Promover um atendimento humanizado e acolhedor aos pacientes surdos é mais desafiador do que para os pacientes ouvintes. | 1 (13%) | 0 (0%) | 1 (13%) | 3 (38%) | 3 (38%) |
| Tenho limitado conhecimento sobre os recursos disponíveis no SUS para pacientes surdos. | 1 (13%) | 1 (13%) | 1 (13%) | 4 (50%) | 1 (13%) |
| Encontro desafios para fornecer orientações a um paciente surdo. | 0 (0%) | 2 (25%) | 2 (25%) | 4 (50%) | 0 (0%) |
| Em geral, o atendimento de um paciente surdo demanda mais tempo do que o de um paciente ouvinte. | 0 (0%) | 2 (25%) | 2 (25%) | 3 (38%) | 1 (13%) |
| Durante as atividades práticas com alunos, eu sinto dificuldade para guiá-los e orientá-los para o atendimento de pessoas surdas. | 0 (0%) | 5 (63%) | 0 (0%) | 3 (38%) | 0 (0%) |

Continua...

Tabela 4. Continuação.

| | Discordo totalmente | Discordo | Não concordo, nem discordo | Concordo | Concordo totalmente |
|---|---------------------|------------|----------------------------|------------|---------------------|
| Para atender adequadamente um paciente surdo, necessito da presença de um intérprete de Libras. | 1 (13%) | 3 (38%) | 1 (13%) | 3 (38%) | 0 (0%) |
| Na minha área de atuação, a presença de um intérprete de Libras durante o atendimento pode causar constrangimentos. | 2 (25%) | 3 (38%) | 1 (13%) | 2 (25%) | 0 (0%) |
| Eu possuo pouco tempo disponível para aprender acerca da cultura surda. | 1 (13%) | 3 (38%) | 3 (38%) | 1 (13%) | 0 (0%) |
| Eu sinto dificuldade ao indicar aos pacientes surdos os seus direitos em saúde. | 1 (13%) | 3 (38%) | 3 (38%) | 1 (13%) | 0 (0%) |
| Na minha área de atuação profissional, um atendimento mediado por um intérprete de Libras pode comprometer a identificação de sintomas importantes. | 4 (50%) | 2 (25%) | 1 (13%) | 0 (0%) | 1 (13%) |
| Tenho dificuldade para compreender a queixa de um paciente surdo. | 1 (13%) | 4 (50%) | 2 (25%) | 1 (13%) | 0 (0%) |
| Minha disponibilidade de tempo dificulta a dedicação ao aprendizado da Libras. | 1 (13%) | 4 (50%) | 2 (25%) | 1 (13%) | 0 (0%) |

^aItens apresentados em ordem decrescente de concordância pelos participantes.

Fonte: Elaborada pelos autores.

DISCUSSÃO

Embora a legislação defina os direitos em saúde das pessoas surdas, existe uma discrepância entre a lei e a realidade, devido à falta de profissionais capacitados, intérpretes, tecnologias e políticas públicas para a efetivação dessas garantias¹⁴. Outro fator identificado por esta pesquisa é a falta de conhecimento por parte dos profissionais da saúde sobre os direitos das pessoas surdas, que se apresenta como o principal desafio apontado pelos participantes. Isso dificulta a orientação dos pacientes e constitui uma barreira para a implementação das já escassas medidas existentes. Em Belo Horizonte, por exemplo, a Lei Municipal nº 11.446, de 2 de janeiro de 2023, determina que maternidades, casas de parto e estabelecimentos hospitalares das redes pública e privada a permitam a presença de tradutor e intérprete de Libras¹⁵, entretanto o desconhecimento por parte dos profissionais de saúde impede que medidas como essa atinjam plenamente seus objetivos.

A dificuldade em fornecer orientações claras ao paciente também se destacou como um dos desafios centrais do estudo. Como muitos profissionais não dominam a Libras, o uso de outras ferramentas comunicativas, como a linguagem escrita e a leitura labial, é amplamente difundido durante os atendimentos. No entanto, os indivíduos surdos nem sempre estão familiarizados com esses métodos¹⁶. Isso gera incerteza para o profissional quanto à compreensão das instruções transmitidas e frequentemente deixa o paciente inseguro em relação às recomendações e aos tratamentos propostos, uma ansiedade que pode se intensificar no contexto da realização de procedimentos¹⁷⁻¹⁹. Alternativamente, aplicativos como o Hand

Talk, que auxilia na visualização de sinais e seus equivalentes na língua escrita, são opções acessíveis e mais bem-aceitas que podem ser utilizadas na comunicação com pacientes surdos tanto pelo profissional da saúde como pelo intérprete²⁰.

Com relação aos possíveis constrangimentos que podem ser gerados pela presença de um intérprete de Libras durante os atendimentos em saúde, como em situações que demandam que o paciente retire suas roupas para ser examinado^{17,21}, a maioria dos participantes da pesquisa não considerou como um desafio significativo. De fato, embora o presente estudo tenha se direcionado ao ponto de vista dos profissionais da saúde, pesquisas que se concentram na perspectiva dos pacientes surdos destacam a mediação do intérprete como a melhor opção para consolidar a comunicação durante os atendimentos^{16,21,22}. Ademais, dados da literatura evidenciam que os tradutores-intérpretes profissionais são geralmente preferidos à mediação feita por familiares dos pacientes, até mesmo reduzindo o constrangimento percebido pelo paciente e fortalecendo sua autonomia^{16,17}.

A falta de tempo para aprender Libras e para se aprofundar na cultura surda também foi uma questão significativa no resultado deste estudo, especialmente entre os respondentes que nunca haviam recebido treinamento para atender pessoas surdas. Esse pode ser um elemento que contribui para a exclusão assistencial de pacientes surdos, uma vez que a acessibilidade nos serviços de saúde deve abranger não apenas aspectos técnicos, como adaptações físicas e equipamentos especializados, mas também sensibilidade cultural e emocional por parte dos profissionais da saúde²³.

A presente pesquisa também evidencia que a maioria dos professores entrevistados afirmam se sentir despreparados durante as atividades práticas para guiar e orientar os alunos para o atendimento de pessoas surdas, além de haver uma escassez expressiva de capacitação para a realização desses atendimentos. A falta de capacitação de profissionais de saúde para atender PCD é amplamente evidente e pode ser atribuída a diversos fatores, como a carência de recursos governamentais e institucionais destinados à educação continuada nessa área, limitando as oportunidades para atualização sobre novas práticas e tecnologias²³.

Outro fator contribuinte para o despreparo sistemático para atender às PCD diz respeito à ausência de currículos específicos acerca dessa população nos cursos de formação profissional, que muitas vezes não abordam adequadamente as necessidades e peculiaridades do cuidado para pacientes com deficiências²³. Um estudo sobre a inclusão do cuidado com a saúde das PCD nos currículos de Medicina no Brasil revelou que em 48% dos cursos analisados não há menção alguma às PCD, e dos 52% restantes, a maioria apenas transcreve trechos das Diretrizes Curriculares Nacionais, com apenas 10,1% que incluem aspectos como anamnese, exame físico e considerações éticas no cuidado com a saúde dessa população¹². Esse dado vai ao encontro dos resultados desta pesquisa, uma vez que reforça a escassez de capacitação inclusive no âmbito da graduação.

Por fim, cabe ressaltar que o presente estudo apresenta limitações que devem ser consideradas durante a interpretação dos seus achados. Por se tratar de uma amostra não probabilística, é impossibilitada a generalização dos resultados como representativa de todos os docentes da instituição. Além disso, o viés de resposta também deve ser considerado, visto que a temática da pesquisa possui um teor ético e sociopolítico, o que poderia direcionar os participantes a responder de forma não verdadeira. Dito isso, a pesquisa tem como importante função estimular a discussão acerca da acessibilidade dos pacientes surdos e, mais amplamente, das PCD nos cuidados em saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou reconhecer os desafios enfrentados pelos docentes de um curso de Medicina no atendimento a pessoas surdas, diagnosticando as dificuldades encontradas. A pesquisa revelou que, apesar da experiência prévia de muitos profissionais com pacientes surdos, a maioria nunca recebeu treinamento específico para lidar com essa população e se sente despreparada para conduzir esses atendimentos. Entre os desafios encontrados, destacam-se o desconhecimento dos recursos disponíveis no SUS, a dificuldade em fornecer orientações adequadas e a necessidade de meios alternativos de comunicação. A presença de intérpretes não foi vista como

um empecilho pela maioria dos profissionais, e aqueles com capacitação específica para o atendimento dessa população perceberam menos desafios que os demais participantes. A análise dos resultados reforça a necessidade de capacitação contínua durante a formação profissional e a implementação de protocolos específicos nos serviços de saúde, para garantir que os profissionais estejam adequadamente preparados para atender a população surda e outras PCD.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Daniel Lucas de Oliveira Santos, Kristen Tolomelli Costa, Pauliane Romano Cirilo e Ana Maria de Jesus Cardoso participaram igualmente da condução da pesquisa e da elaboração do artigo.

CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Declaramos não haver financiamento.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Educação. Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez. Brasília: Secretaria de Educação Especial; 2006 [acesso em 24 maio 2024]. 89 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>.
2. World Health Organization. World report on hearing. Geneva: World Health Organization; 2021 [acesso em 24 maio 2024]. 252 p. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/339913/9789240020481-eng.pdf?sequence=1>.
3. País tem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, diz estudo. São Paulo: Instituto Locomotiva; 2019 [acesso em 28 maio 2024]. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/agencia-brasil-pais-tem-107-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-auditiva-diz-estudo/>
4. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Ciclos da Vida. Rio de Janeiro: IBGE; 2019.
5. Chaveiro N, Barbosa MA, Porto CC, Munari DB, Medeiros M, Duarte SBR. Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional da saúde. *Cogitare Enferm.* 2010;15(4):639-45 [acesso em 24 maio 2024]. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648973007.pdf>.
6. Brasil. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília; 2002 [acesso em 5 maio 2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.
7. Brasil. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*; 2005.
8. Romano B, Serpa Jr OD. Communication singularities in the meeting between deaf people and mental health professionals. *Physis.* 2021;31(2):e310208. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310208>.
9. Pereira AA, Passarin ND, Nishida FS, Garcez VF. “Meu sonho é ser compreendido”: uma análise da interação médico-paciente surdo durante assistência à saúde. *Rev Bras Educ Med.* 2020;44:e121. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200028>.
10. Karsten RM, Vianna NG, Silva EM. Comunicação do surdo com profissionais de saúde na busca da integralidade. *Saúde Pesqui.* 2017;10(2):213-21 [acesso em 5 maio 2024]. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5883/3046>.

11. Silva RP, Almeida MA. Relação comunicativa entre o profissional de saúde e os surdos: uma revisão bibliográfica. *ID on Line Rev Mult Psic.* 2017;11(37):653-68. doi: <https://doi.org/10.14295/online.v11i37.868>.
12. Freitas Júnior RA, Freitas RA, Carvalho MP, Maranhão SS, Lisboa LL, Azevedo GD. Inclusão do cuidado com a saúde das pessoas com deficiência nos currículos de Medicina do Brasil. *Rev Bras Educ Med.* 2021;45:e156. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20210072>.
13. Cooper A, Rose J, Mason O. Measuring the attitudes of human service professionals toward deafness. *Am Ann Deaf.* 2004;148(5):385-89 [acesso em 10 jun 2024]. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/26234629>.
14. Silva JE, Oliveira DS de, Sampaio JG. Falta de acessibilidade dos surdos no contexto da saúde: desafios encontrados no município de Penedo – Alagoas. *Revista Saber Incluir.* 2024;2(2):e24015 [acesso em jun 2024]. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistasaberincluir/article/view/2638>.
15. Belo Horizonte. PBH sanciona lei que obriga tradutor de Libras no atendimento de paciente surda. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte; 2023 [acesso em 24 jun 2024]. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/index.php/noticias/pbhsanciona-lei-que-obriga-tradutor-de-libras-no-atendimento-de-paciente-surda>.
16. Oliveira YC, Celino SD, Costa GM. Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. *Physis.* 2015;25:307-20 [acesso em 12 jun 2024]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jphysis/a/xnMSZYLXkdcx8z7kFBX3Bpz/?format=pdf&lang=p>.
17. Costa LS da, Almeida RC de, Mayworn MC, Alves PT, Bulhões PA de, Pinheiro VM. O atendimento em saúde através do olhar da pessoa surda: avaliação e propostas. *Rev Bras Clin Med.* 2009;7:166-70 [acesso em 15 jun 2024]. Disponível em: <https://www.sbcm.org.br/revistas/RBCM/RBCM-2009-03.pdf#page=17>.
18. Pereira EL, Almeida CM, Queiroz RG, Rocha RA, Rocha JF, Feitosa FD. Entraves no atendimento ao paciente surdo: perspectiva dos profissionais da atenção básica. *Journal of Medicine and Health Promotion.* 2019;4(4):1318-34 [acesso em 15 jun 2024]. Disponível em: <https://jmhp.fiponline.edu.br/pdf/cliente=13-e2475676e215db77663643bb79a1d649.pdf>.
19. Araújo AM de, Cotta BS, Souza AC de, Oliveira AP de, Lages KS. A dificuldade no atendimento médico às pessoas surdas. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas.* 2019;3(1):3-9 [acesso em 15 jun 2024]. Disponível em: <https://revista.fcmmg.br/index.php/RICM/article/view/67/70>.
20. Pereira GS, Freitas MSA. Contribuições das tecnologias da informação e comunicação nos processos de ensino e aprendizagem de estudantes surdos. *Revista Educação Pública.* 2023;23(26) [acesso em 21 jun 2024]. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/23/contribuicoes-das-tecnologias-dainformacao-e-comunicacao-nos-processos-de-ensino-e-aprendizagem-de-estudantessurdos>.
21. Pereira PC. Tradutores-intérpretes de Libras na saúde: o que eles nos contam sobre questões éticas em suas práticas [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2014 [acesso em 10 jun 2024]. 152 p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-04082015-133658/publico/PatriciaCrsitinaAndradePereiraREVISADA.pdf>.
22. Pires HF, Almeida MA. A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Rev Enferm Contemp.* 2016;5(1):68-77. doi: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v5i1.912>.
23. Assunção ML, Anacleto FN, Messias-Moreira R, Ferreira AJ, Bedor CN. Atendimento em saúde à pessoa com deficiência e a formação inicial do profissional de saúde: o que há entre nós? *Rev Bras Educ Espec.* 2020;26(2):327-42 [acesso em 15 jun 2024]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/Zm3VXJ4MWSbRW38Z3N3wQDVM>.



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.